

Museus e centros de ciências itinerantes: possibilidades e desafios da divulgação científica

JESSICA NORBERTO ROCHA ¹

MARTHA MARANDINO ²

RESUMO

Os museus e centros de ciências são fontes importantes de conhecimento, e eles vêm contribuindo para o aprimoramento da cultura científica, para a educação em ciências e, consequentemente, para a percepção pública do papel da CT&I no desenvolvimento científico e tecnológico do País. Entretanto, no Brasil, o número de visitas a essas instituições ainda é muito reduzido. Então, se as pessoas não vão aos museus, os museus vão a elas. Esse é o papel dos museus e centros de ciências itinerantes, que surgiram como alternativa para enfrentar o desafio da divulgação científica descentralizada dos núcleos urbanos, atendendo, assim, a um grande número de pessoas. No presente trabalho, que é a reflexão inicial de uma pesquisa de doutorado em ensino de ciências, faremos uma retomada histórica desses projetos no País, e discutiremos alguns desafios da divulgação científica itinerante.

Palavras-chave: *museus itinerantes; centros de ciências itinerantes; divulgação científica; inclusão social.*

ABSTRACT

Museums and science centers are important knowledge sources and contribute to the improvement of scientific culture and science education, thus enhancing public understanding of ST&I's role in scientific and technological development of the country. However, in Brazil the number of visits to science museum is still very low. So, if people do not go to museums, museums can go to them. This is the role of travelling science museums and centers, which emerged as an alternative to meet the challenge of making science communication decentralized from urban centers. In the present essay, which is an initial reflection of a doctoral research in Science Education, we produce a historic review of these projects in the country and discuss some traveling science communication challenges.

Keywords: *travelling science museum, science communication, social inclusion.*

¹ Doutoranda em Ensino de Ciência e Matemática na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Técnica em Divulgação Científica da Fundação Cecierj, onde coordena a Caravana da Ciência e a Praça da Ciência Itinerante.

² Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação em Ciência – GEENF.

1. Introdução

Os museus e centros de ciências são fontes importantes de conhecimento, e eles vêm contribuindo para a cultura científica, para a educação formal e não formal em ciências e, conseqüentemente, para a percepção pública do papel da CT&I no desenvolvimento científico e tecnológico do País. Entretanto, ao contrário do que ocorre em outros países, no Brasil o número de visitas a essas instituições ainda é muito reduzido. Assim, se as pessoas não vão aos museus, os museus podem ir a elas. Esse é o papel dos museus e centros de ciências itinerantes, que tiveram um grande crescimento no País nos últimos 15 anos.

Caracterizam-se, no presente trabalho, “museus e centros de ciências itinerantes” como aqueles projetos de divulgação científica que têm exposições e atividades implementadas, ou os que têm, na infraestrutura principal, veículos como carretas, caminhões, ônibus, micro-ônibus e vans, sendo eles usados para transporte ou espaço de exposição.

No Brasil, o movimento de criação de museus de ciências móveis é relativamente novo. Sabemos que houve uma iniciativa privada em meados da década de 1960, com o naturalista José Hidasi, mas essa ideia só se fortaleceu e se institucionalizou nos anos 2000, com a inauguração do Projeto de Museu Itinerante (Promusit) do Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (MCT-PUCRS) e com o lançamento do edital Projeto Ciência Móvel, da Academia Brasileira de Ciências (ABC) em 2004.

Depois disso, a proposta foi disseminada, e algumas instituições investiram na adaptação de veículos para a itinerância de exposições em diferentes formatos. O diferencial dos museus e centros de ciências itinerantes no Brasil é a possibilidade de promover a inclusão social por meio da oferta de exposições e ações de popularização da ciência em lugares onde as pessoas, geralmente, não têm acesso a esse tipo de atividade e equipamento cultural. As iniciativas atuais saem da sua zona de conforto e vão às periferias de suas cidades, ou alcançam pequenas e médias cidades e zonas rurais, com a finalidade de estimular crianças, jovens e adultos a conhecerem e se interessarem pelo universo científico.

No presente trabalho, que é parte de uma pesquisa de doutorado em Educação - Ensino de Ciências e Matemática, fazemos uma retomada da história do movimento de museus e centros de ciências itinerantes no País, bem como abordamos alguns desafios contemporâneos.

2. Visitação a museus e centros de ciências

Em 2003, ano em que se iniciou um contexto político pautado pela inclusão social e redução das desigualdades sociais no Brasil, acentuaram-se as iniciativas do governo brasileiro na busca por estabelecer uma política de difusão e popularização da ciência (FERREIRA, 2014). Esse objetivo foi institucionalizado como política pública, principalmente por meio da criação

da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inclusão Social e do Departamento de Popularização e Difusão de Ciência e Tecnologia, no Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT), e do lançamento contínuo de editais de popularização da ciência por agências e fundações nacionais e estaduais de amparo à pesquisa.

O crescimento do número de museus de ciências já vinha acontecendo progressivamente, e essa política foi responsável por impulsionar a implantação de vários centros e museus de ciência e tecnologia pelo País – em especial aqueles interativos, que tinham como base o ideal de *hands-on* dos *science centers* (os centros de ciência estadunidenses) para fortalecer e expandir as ações desses locais. Antes dos anos 2000, existiram iniciativas em prol da construção e implantação de museus e centros de ciências nessa perspectiva, principalmente a partir da década de 1970, como aponta o estudo de Valente (2008). Em 1979, por exemplo, foi inaugurado o Museu de Ciência e Tecnologia da Bahia com uma proposta interativa baseada nos museus de ciência e tecnologia norte-americanos (VALENTE, 2008; SOUZA, 2008).

Nos anos 1980, foram implantados 31 centros e museus de ciências no País (63% a mais do que na década anterior), como o Centro de Divulgação Científica e Cultural/CDCC (São Carlos/SP, 1982), o Espaço Ciência Viva/ ECV (Rio de Janeiro/RJ, 1983), o Museu de Astronomia e Ciências Afins/Mast (Rio de Janeiro/RJ, 1985) e a Estação Ciência (São Paulo/SP, 1987). Nos anos 1990, a implantação de centros e museus foi maior do que na década anterior, com 45 novos museus inaugurados, dentre eles: o Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica (Porto Alegre/RS, 1993), o Espaço Ciência (Recife/PE, 1995), a Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/RJ, 1995) e o Museu da Vida / Fundação Oswaldo Cruz (Rio de Janeiro/RJ, 1999). Entre 2000 e 2009, 51 novas instituições foram inauguradas (FERREIRA, 2014), e, de 2009 a 2015, o número de museus de ciências e espaços científico-culturais no Brasil passou de 190 para 268 (ABCMC, 2009; 2015).

Esse crescimento da oferta de museus e centros de ciências resultou no aumento da presença da população brasileira nesses espaços. A série de pesquisas de percepção pública da ciência, realizada pelo Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), mostra que, em 2006, apenas 4% dos brasileiros com mais de 16 anos visitaram museus ou centros de ciência e tecnologia nos 12 meses anteriores ao levantamento. Em 2010, a porcentagem aumentou para 8,3%, e, em 2015, para 12,3% (MCTI, 2006, 2010, 2015).

A política de incentivos favoreceu a criação de mais espaços e o fortalecimento e expansão das suas ações. Vale destacar, entretanto, que o percentual de visitação ainda continuou baixo quando comparado aos padrões europeus e norte-americanos, em que as taxas anuais chegam a 20% da população, e também não eliminou as desigualdades regionais. A região Sudeste do País ainda concentra grande parte dos museus e centros de ciências, com um número de

155 deles, mais que a metade de um total de 268 no Brasil. Bastante díspares são as realidades das regiões Centro-Oeste e Norte, que têm, respectivamente, 15 e 11 espaços, sendo 6% e 4% do total nacional.

Além da diferença entre as regiões brasileiras, no contexto estadual, as capitais e os grandes centros urbanos continuam sendo os locais de concentração desses espaços. Assim, fica prejudicada a população de cidades de menor porte, de zonas rurais e de áreas de subúrbios. Conforme a publicação *Museus em números* (IBRAM, 2011), o estado do Rio de Janeiro abriga 254 museus em geral (de arte, história, ciências etc.), dentre os quais 124 estão concentrados na capital e região metropolitana. Quanto mais longe da capital estiver o local, menores são a oferta e a concentração. Quanto a espaços científico-culturais, o estado conta com 44, sendo que apenas 14 dos 92 municípios do estado contam com pelo menos um deles. Novamente, a grande maioria, 28, está concentrada na capital, e quatro estão em Niterói, região metropolitana.

Mesmo tendo grande oferta na capital fluminense, a população ainda enfrenta grandes dificuldades no acesso a esses espaços, principalmente porque eles também estão concentrados nas regiões Centro e Sul da cidade. Os dados do Observatório de Museus e Centros Culturais, que realizou, em 2005, uma pesquisa quantitativa com 3.407 visitantes não escolares em 11 museus de diferentes perfis (aeroespacial, arte, ciência, histórico etc.) da cidade do Rio de Janeiro, mostram que 53,3% desse público aponta a violência urbana como um dos fatores que dificultam a visita a tais espaços. Cerca de 40% dos entrevistados disseram que os custos de visita (transporte e alimentação) e a dificuldade de transporte também são fatores desestimulantes. A pesquisa também concluiu que os visitantes tendem a frequentar museus mais próximos de seu local de residência (OMCC, 2006).

A problemática, portanto, incide em como atender à população que não tem acesso ou tem acesso dificultado a atividades de popularização da ciência, a informação científica qualificada e a museus e centros de ciência. Diante dessa realidade, a itinerância de exposições científicas e os museus e centros de ciências itinerantes surgiram como alternativa para enfrentar o desafio da divulgação científica descentralizada dos núcleos urbanos.

3. Museus e centros de ciências itinerantes no Brasil

No Brasil, conforme o levantamento histórico feito por Xavier (2012), o primeiro exemplo de um museu científico itinerante foi o já extinto Museu Itinerante José Hidasi, criado em 1965, em Goiânia. O museu era uma realização pessoal de seu idealizador, o professor, naturalista, ornitólogo e taxidermista José Hidasi, e, também, a popularização das ciências biológicas, com a exposição *Curiosidades da Natureza*, composta por diferentes espécies de animais (PEROTTI, 2005).

O naturalista criou sua coleção e decidiu realizar exposições ao ar livre e divulgar seu museu montado em um carro do tipo Rural W65. A primeira exposição foi realizada em uma festa religiosa no ano de 1965, na cidade de Trindade, Goiás. Em meados de 1969, com a estrutura melhorada para um caminhão de transportar bois, ele viajou para outras cidades de Goiás e chegou a Minas Gerais. Depois, ele melhorou a aparência do museu colocando janelas para arejar o veículo e reforçando sua segurança. Com ele, viajou para o interior de Mato Grosso e (atual) Mato Grosso do Sul.

Com um novo projeto de Museu Itinerante, José Hidasí vendeu o caminhão, comprou um ônibus e continuou em seu pioneirismo na divulgação da fauna do cerrado, com apelo contra sua devastação e para a educação ambiental. Após anos de estrada, infelizmente, um acidente destruiu o ônibus. O naturalista comprou outro, dando-lhe o nome “Curiosidades da Natureza”. O veículo ficou guardado no Memorial do Cerrado da Universidade Católica de Goiás depois do encerramento das viagens (PEROTTI, 2005).

Após essa iniciativa, sabe-se que outras ações itinerantes de divulgação científica foram criadas por museus e instituições científicas, como é o caso das atividades do Espaço Ciência Viva, no Rio de Janeiro, em 1983; do Museu Emílio Goeldi, no Pará, em 1987; do projeto O Museu vai à Praia, do Museu de Astronomia e Ciências Afins, e da Praça da Ciência Itinerante, da Fundação Cecierj, ambos em 1994 (GASPAR, 1993; MINGUES, 2014).

Posteriormente, o primeiro projeto que adquiriu uma carreta com as funções de transportar a mostra e se transformar em espaço de exposição dos equipamentos científicos foi o Projeto de Museu Itinerante (Promusit). Esse projeto foi implementado no Rio Grande do Sul, em 2001, pelo Museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS e foi o primeiro museu de ciências itinerante no Brasil na perspectiva do movimento dos *science centers*.

Essa iniciativa bem-sucedida estimulou a criação de projetos semelhantes no País. Em 2004, o edital Projeto Ciência Móvel, lançado pela ABC e pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, marcou a institucionalização da ideia. O edital apoiou a implantação de projetos que visassem à utilização de veículos adequadamente equipados para incursões nas grandes cidades ou pelo interior em atividades de divulgação científica de caráter itinerante.

Segundo Ferreira, Soares e Oliveira (2007), esse edital foi disputado por 48 projetos, dos quais apenas 9 foram contemplados. Desses, 8 adquiriram veículos e 1 recebeu apoio para compra de equipamentos. Os projetos aprovados foram: 1) Micro-ônibus – Novos Curupiras (PA); 2) Micro-ônibus – Espaço Ciência (PE); 3) Caminhão baú – Ilhéus (Santa Cruz, BA); 4) Van – Ciência para Poetas - Casa da Ciência (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ); 5) Caminhão do Ciência Móvel – Vida e Saúde para Todos, da Fundação Oswaldo Cruz (RJ); 6) Micro-ônibus – UnB (Universidade de Brasília); 7) Micro-ônibus – Sangue na Rua - USP

(Universidade de São Paulo - Botucatu, SP); 8) Caminhão baú – UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul); e 9) Apoio ao Promusit (MCT-PUCRS) (BRASIL, 2008, p.17).

Aproximadamente na mesma época do edital, a Fundação Cecierj também recebeu recursos da Fundação Vitae (entidade filantrópica que atua nas áreas de educação, cultura e promoção social) para a criação do seu centro de ciências itinerante, Caravana da Ciência. Outros editais de popularização da ciência do MCTI e convênios continuaram acontecendo e mais projetos de caminhões e veículos foram contemplados ao longo dos anos. Em 2007 e 2008, a UFMG recebeu recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig) e do MCT para a construção do Museu Itinerante Ponto UFMG.

Dessa maneira, novos museus e centros de ciências itinerantes foram implementados utilizando carretas, ônibus, vans e micro-ônibus, levando atividades e experimentos para além dos grandes centros urbanos, chegando a pequenas e médias cidades, a zonas rurais e periferias das grandes cidades com a finalidade de estimular crianças, jovens e adultos a conhecer e se interessar pelo universo científico. Essas iniciativas estão, normalmente, vinculadas a extensão cultural, a setores de divulgação científica e a museus de universidades, institutos de pesquisa e fundações.

Em 2009, segundo levantamento do *Guia de Museus e Centros de Ciências do Brasil*, da ABCMC, existiam aproximadamente 20 projetos de divulgação científica itinerante (ABCMC, 2009). Em 2015, já eram 32, dentre eles os já citados Ciência Móvel da Fiocruz, a Caravana da Ciência da Fundação Cecierj, o Museu Itinerante Ponto UFMG, o Promusit do MCT-PUC/RS e outros ainda, como Ciência Móvel - Ilha da Ciência da Universidade Federal do Maranhão e Oficina Desafio do Museu Exploratório de Ciências da Universidade Estadual de Campinas (ABCMC, 2015).

Entretanto, alguns desses museus e centros de ciências itinerantes, além de projetos enumerados pela ABCMC em 2015, não têm ainda um veículo para transporte e exposição dos equipamentos. Assim, faz-se necessário realizar um novo levantamento listando aqueles projetos que já contam com veículos, adaptados ou não, e identificar outras unidades móveis de divulgação científica ainda não listadas no guia.

4. Desafios contemporâneos

As questões de financiamento e sustentabilidade financeira dos museus e centros de ciências itinerantes são um dos seus desafios contemporâneos. Por quase dez anos, esses projetos foram incentivados e financiados com recursos oriundos de editais de agências de fomento da pesquisa nacionais e estaduais.

Segundo os dados coletados por Ferreira (2014), foram lançados 41 editais de popularização da ciência entre 2003 e 2012 pelo MCTI, CNPq e Finep, com uma média anual de

4,1 chamadas. Dentre esses 41 editais, 11 contemplavam projetos de todas as áreas da popularização da ciência; 9 destinavam-se a olimpíadas de várias áreas do conhecimento; 6 eram voltados para feiras e eventos científicos; 5 para áreas temáticas, como física e astronomia; 3 para centros e museus de ciências; e 1 edital destinava-se a projetos de ciência móvel.

A partir de 2003, houve também uma expansão de ações dos governos estaduais por meio de secretarias de ciência e tecnologia e fundações de amparo à pesquisa (FAPs), que lançaram seus próprios editais para a popularização da ciência. No estado do Rio de Janeiro, a Faperj, por exemplo, lançou entre 2007 e 2014 pelo menos um edital anual para a difusão e popularização da ciência, sendo dois em 2007 e em 2013. Em 2015 e até meados de 2016, após oito anos seguidos de políticas para a difusão científica, não foram lançados editais para esse fim devido à crise financeira que se abalou sobre o estado. No norte do País, a Fapeam, entre 2006 e 2015, lançou pelo menos um edital anual de popularização de ciência e comunicação científica, e a Fapemig, em Minas Gerais, de maneira mais tímida, lançou um edital em 2007 e um edital em 2010.

Entretanto, a partir de 2013, houve uma queda na média de chamadas públicas em nível nacional para a popularização da ciência. No site do CNPq, foi possível identificar que em 2013 foram lançados apenas três editais, sendo um para feiras e mostras científicas, um para criação e desenvolvimento de centros e museus de ciência e tecnologia, e outro para atividades de difusão e popularização da ciência. Em 2014, apenas os editais de feiras de ciências e mostras científicas e de olimpíadas científicas foram lançados e, em 2015, apenas um de feiras e mostras científicas, um de olimpíadas científicas e um para atividades de divulgação científica voltadas ao Ano Internacional da Luz. Até meados de 2016, a área contou apenas com o edital para realização de eventos para a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia.

A diminuição de investimentos na área irá, certamente, trazer impactos negativos para os museus e centros de ciências itinerantes, que demandam muitos recursos devidos à necessidade de constantes manutenções, dado o deslocamento contínuo de suas estruturas e equipamentos. Mais que afetar a manutenção dos museus e centros de ciências já existentes, a diminuição de financiamentos impactará a redução significativa da criação de novos projetos, invertendo a curva de crescimento que se via há mais de uma década.

Além do problema da relativa escassez de recursos financeiros, também há a necessidade de mais estudos e análises críticas sobre o papel, o potencial, os efeitos e impactos dos projetos e museus e centros de ciências itinerantes para a população visitada. A partir de um levantamento bibliográfico realizado no contexto nacional, conseguimos identificar apenas seis pesquisas acadêmicas publicadas que tinham os museus e centros de ciências itinerantes e projetos de ciência móvel e suas ações como objeto de estudo ou como fontes utilizadas na coleta de

dados. São eles: Gomes (2010), Gonçalves (2010), Schwenck (2011), Xavier (2012), Gonçalves (2014) e Pinto (2014).

Da mesma forma, ainda existem poucos registros sobre criação, concepção, financiamento, atividades e avaliação dessas iniciativas. Os registros disponíveis foram realizados, na maioria, por suas próprias equipes, e muitas vezes se mostram incompletos, tendo em vista a complexidade de implementação e as ações desses espaços. Assim sendo, ainda existe a necessidade de se desenvolverem mais estudos e pesquisas nesses ambientes, bem como de se registrarem suas histórias e ações.

Em suma, é animador que nos últimos 15 anos tenha havido um crescimento significativo dos museus e centros de ciências itinerantes no Brasil, favorecendo a divulgação científica e possibilitando a inclusão social por meio do acesso ao conhecimento e à informação científica de qualidade. Há, porém, muita estrada a se percorrer, notadamente no incremento do setor de políticas públicas e financiamento.

5. Referências

ABCMC. **Guia de centros e museus de ciências do Brasil 2009**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência; UFRJ; FCC; Casa da Ciência: Fiocruz; Museu da Vida, 2009.

ABCMC. **Guia de centros e museus de ciências do Brasil 2015**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência; UFRJ; FCC; Casa da Ciência: Fiocruz; Museu da Vida, 2015.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos - SPI. **Relatório de Avaliação do Plano Plurianual 2004-2007: exercício 2008**. Brasília: MP, 2008.

FERREIRA, R.; SOARES, M.; OLIVEIRA, M. Ciência móvel: um museu de ciências itinerante. **X Reunión de La Red de Popularización de La Ciencia y La Tecnología en América Latina y el Caribe (RED POP - UNESCO) y IV Taller “Ciencia, Comunicación y Sociedad”**. Costa Rica, 2007.

FERREIRA, J. R. **Popularização da ciência e as políticas públicas no Brasil (2003-2012)**. 2014. Tese Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas – Biofísica, IBCCF, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

GASPAR, A. **Museus e centros de ciências – conceituação e proposta de um referencial teórico**. 1993. Tese (Doutorado em Didática), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

GOMES, I. L. **Ciência Móvel: vida e saúde para todos: dados quantitativos dos eventos realizados até 2010**. Rio de Janeiro, 2010.

GONÇALVES, A. M. M. **O uso de um recurso audiovisual no Projeto Ciência Móvel - Vida e Saúde para Todos: Avaliação do filme “O Mundo Macro e Micro do Mosquito Aedes aegypti – Para combatê-lo é preciso conhecê-lo”**. Monografia de Especialização em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde, Fiocruz, 2010.

GONÇALVES, J. C. **Estudo exploratório do perfil opinião dos docentes da Caravana da Ciência – Fundação Cecierj**. Monografia de Especialização em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde, Fiocruz, 2014.

IBRAM. **Museus em Números**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

MCTI. **Percepção pública da ciência e tecnologia 2015** - Ciência e tecnologia no olhar dos brasileiros. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2015.

MINGUES, E. **O museu vai à praia: uma análise de uma ação educativa à luz da Alfabetização Científica**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2014.

OMCC. **Museus e seus visitantes – Relatório de pesquisa Perfil Opinião 2006**.

PEROTTI, R. T. **José Hidashi e os naturalistas no “coração bárbaro” do Brasil**. Dissertação de Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2005.

PINTO, S. P. **A construção do discurso da mediação humana em atividades itinerantes de divulgação da ciência**. 2014. Tese. Programa de Pós-graduação em Educação em Ciência e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

SCHWENCK, B. **Ciência Móvel: a mediação informacional nas exposições de um museu**

itinerante. Dissertação. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. UFRJ – Rio de Janeiro 2011.

SOUZA, A. V. S. **A ciência mora aqui:** reflexões acerca dos museus e centros de ciência interativos do Brasil. Dissertação (Mestrado em História das Ciências, Técnicas e Epistemologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

VALENTE, M. E. A. **Museus de Ciências e Tecnologia no Brasil: uma história da museologia entre as décadas de 1950-1970.** Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Ensino e História de Ciências da Terra, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

XAVIER, D. W. **Museus em Movimento. Uma reflexão acerca de experiências museológicas itinerantes no marco da Nova Museologia.** Dissertação (Mestrado em Museologia), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012.